



Reuters

270

Plano difere dos aplicados na Rússia e Coréia do Sul

É o que garante o vice-diretor-geral do FMI, Stanley Fischer

O vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, afirmou ontem que há diferenças fundamentais entre o programa de assistência financeira da instituição ao Brasil e os que foram tentados recentemente em países como a Coréia do Sul e a Rússia.

Referindo-se ao pacote anunciado, ele afirmou: "Acho que esta é a maneira preferível de fazê-lo." Segundo à Dow Jones, com exceção da aplicação de taxas punitivas de juro, o cronograma de liberação dos recursos também é diferente dos casos mencionados.

O FMI deverá liberar cerca de US\$ 5 bilhões para o Brasil quando da aprovação formal do acordo pela diretoria da instituição e deixar outros US\$ 5 bilhões disponíveis para necessidades urgentes. Fischer destacou que uma das diferenças em relação aos acordos anteriores de assistência financeira, parti-

cularmente o fracassado programa de ajuda à Rússia, é a aplicação de uma taxa punitiva (penalty charge) de 400 pontos-base para os recursos disponibilizados.

Outro fator, destacou, foi o fato de as autoridades brasileiras terem procurado o FMI quando as reservas do País ainda estavam numa posição relativamente forte – suficientes para cobrir seis meses de suas importações.

Além disso, acrescentou, o governo brasileiro desenhou sua própria resposta fiscal para resolver sua crise cambial e, em seguida, procurou a comunidade internacional em busca de ajuda de uma forma coordenada.

Para Fischer, esse procedimento estruturado deverá resultar em menos perturbações para a sociedade e a economia brasileiras.

"Eu não acho que veremos um Brasil fundamentalmente diferente depois do programa", declarou, explicando que isso resulta em grande parte do fato de as reformas brasileiras já estarem em andamento "há algum tempo".